

# COPAS E OLIMPIADAS VÊM INTERESSE ECONÔMICO-POLÍTICO E IMPACTO VARIÁVEL

Por Guilherme Gomes

*Legados das competições esportivas nem sempre são positivos, apesar do grande volume de investimentos*

Em meados da década de 80, a Espanha passava por uma crise financeira e ainda sentia alguns problemas da transição da monarquia para a democracia. Uma de suas maiores cidades, Barcelona, era o retrato fiel do país, com alta taxa de desemprego, estagnação econômica e péssima imagem urbana. Em 1986, a cidade foi escolhida como sede dos Jogos Olímpicos de verão de 92. Foi o passo decisivo para uma surpreendente transformação.

Quase 25 anos depois, a região barcelonesa ainda vive os dividendos de um bem realizado evento esportivo. Um dos cinco melhores locais europeus para se fazer negócios, segundo empresários do Velho Continente, e modelo para o mundo em modernização e revitalização urbana, Barcelona virou exemplo de como se desenvolver realizando uma grande competição.

Parâmetro que o Brasil pode seguir. Faltando quase três anos para a Copa do Mundo e cinco para as Olimpíadas, os problemas infra-estruturais e o medo de atrasos nas obras são assuntos pautados diariamente nas páginas esportivas dos jornais brasileiros.

Os péssimos modelos também estão presentes na história da realização dos eventos de grande porte. Estouros orçamentários, legado inexistente, dinheiro público desperdiçado e os chamados elefantes brancos (construções de grande porte que ficam sem uso após as competições) não são novidades.

Uma competição desportiva bem sucedida pode dar uma boa visibilidade para o país que a patrocina e provocar mudanças, segundo o geógrafo Nelson Bacic Olic, editor do jornal *Mundo - Geografia e Política Internacional*.

“Estas competições podem trazer importantes modificações. Acredito, por exemplo, que a Olimpíada de Moscou contribuiu para que as reformas propostas por Mikhail Gorbachov fossem consolidadas poucos anos depois e que a recuperação econômica atual foi determinante para a escolha da Rússia como sede da Copa do Mundo de 2018”, afirma.

**Marketing** – A partir dos anos 70, o COI (Comitê Olímpico Internacional) autorizou a participação de atletas profissionais nas Olimpíadas. A permissão foi um chamariz para que grandes empresas passassem a investir e a ver seus nomes veiculados a uma competição transmitida para boa parte do globo terrestre. Ações de marketing foram criadas e o produto “Olimpíadas” se valorizou.

Em 1960, os direitos de transmissão da Olimpíada de Roma foram comercializados por US\$ 1,2 milhão. Em 1976, Montreal sediou os Jogos e gerou cerca de US\$ 35 milhões nas vendas de transmissão televisiva. Em Barcelona-92, as emissoras pagaram US\$ 636 milhões. Já em



**Estádio Olímpico de Barcelona: um dos símbolos da bem-sucedida Olimpíada de 1992**

Pequim, os direitos de TV bateram a incrível marca de US\$ 1,737 bilhões, aproximadamente, a maior soma já alcançada.

A visibilidade cada vez maior dada aos Jogos Olímpicos provocou uma reação no COI, que passou a exigir cada vez mais dos candidatos a sedes. Parâmetros para construções, número mínimo de quartos de hotel, um quadro comercial com potencial, garantia em segurança, meio ambiente e transportes, pontualidade na execução das obras e legado para a população passaram a ser cobrados.

Paralelamente, essas exigências também passaram a ser cobradas pela FIFA, órgão que rege o futebol mundial. As condições precisariam ser as melhores possíveis para receber selecionados nacionais e diplomatas do mundo inteiro, criando uma grande cobrança para atingir um estágio de perfeição estrutural, organizacional e desportiva.

**Casos excepcionais** – A vontade dos anfitriões para que tudo saísse nos conformes nunca foi suficiente para atingir as metas estabelecidas no planejamento das grandes competições internacionais. Apenas uma competição olímpica até hoje gerou grandes frutos para uma região e causou desenvolvimento econômico – social considerável por um longo período: Barcelona – 92.

Essa foi uma das conclusões do estudo realizado pela Faculdade de Ciências Econômicas e de Negócios da Universidad Autónoma de Barcelona. Analisando um período de 22 anos (de 1986, ano em que foi escolhida para sediar os Jogos Olímpicos de 1992, até 2008) e comparando com as Olimpíadas realizadas entre 1964 e 2004, o relatório mostra que a cidade espanhola foi a única sede olímpica a ter crescimento contínuo ao longo das últimas décadas em emprego, investimen-

tos, empreendimentos, entre outros indicadores, dois anos após a realização da competição.

Na época dos Jogos, foram investidos cerca de US\$ 8 bilhões pela organização. Deste montante, cerca de US\$ 4,92 bilhões foram para projetos civis e o restante, aproximadamente US\$ 3,08 bilhões, para construções. Pelo fato da maioria dos investimentos se destinarem a projetos civis, é deduzido que os efeitos dos projetos mais importantes de Barcelona seriam em longo prazo, aponta a “Leitura Econômica dos Jogos Olímpicos: Financiamento, Organização e Resultados”, relatório feito pelo Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada).

Os principais investimentos feitos na capital da Catalunha na época foram um anel rodoviário para percorrer toda circunferência urbana; revitalização urbana com reformas e construção de praças; criação de um sistema de recolhimento de lixo inteligente; abertura para o mar, com a construção da Vila Olímpica.

Dado o desenvolvimento progressivo que a cidade teve, será que realizar um evento esportivo é garantia de desenvolvimento? “Há casos e casos. De forma fugaz, os eventos esportivos de caráter global promovem valorização e auto-estima das sociedades responsáveis por eles, mas, assim que o evento termina, a euforia vai sendo substituída pelos problemas e questões do cotidiano”, pondera Bacic Olic.

Ao contrário da competição realizada em solo espanhol, os Jogos Olímpicos de Atenas-2004 ficaram marcados pelo péssimo uso das instalações reformadas e construídas especialmente para o evento.

Quatro anos após a cerimônia de encerramento, 21 das 22 instalações esportivas gregas construídas não tinham destino certo e estavam em estado de abandono: lixo, pichações e sinais de falta de manutenção eram visíveis. A não utilização dos

estádios de competição gerou um déficit anual na ordem de US\$ 740 milhões para os cofres gregos. Para resolver a questão, o governo grego criou uma companhia específica apenas para cuidar do destino das instalações esportivas, vendendo-as para o setor privado ou alugando-as para outros fins.

Apesar de o legado esportivo ter sido ruim, a malha de transportes de Atenas foi totalmente revitalizada. O aeroporto internacional local e o metrô foram ampliados, assim como as linhas de trem da cidade e das regiões ao redor. Houve também a transformação de ruas em "calçadões" no centro histórico da cidade. No total, entre obras civis e esportivas, foram gastos aproximadamente US\$ 15 bilhões.

Hoje em crise, o país europeu se deparou com a insatisfação da população com o enorme volume de dinheiro público desperdiçado nos "elefantes brancos". "O investimento vultoso provavelmente não tem nenhum relacionamento com a crise atual, que é mais estrutural e ligada a déficits públicos gerados por fatores internos e externos", afirma Bacic. "Se atingiu, foi de forma bem marginal. É bom lembrar que outros países europeus afetados pela crise, como a Irlanda, não sediaram nenhum evento desportivo recentemente", completa.

**O fator "mercado"**— Ainda segundo Bacic, candidaturas conjuntas a eventos internacionais de grande porte são mais eficientes no plano financeiro, já que a "divisão de despesas é sempre bem-vinda". "Mas parece que não há uma tendência, pelo menos na visão da FIFA. Bélgica/Holanda e Portugal/Espanha foram derrotadas por candidaturas únicas para sediarem as Copas do Mundo de 2018 e 2022."

A primeira Copa do Mundo sediada na Ásia foi também a única realizada por dois países. Em 2002, Coreia do Sul e Japão dividiram cerimônias e jogos importantes, gastando menos do que uma sede única e reforçando os laços diplomáticos, desgastados por um histórico de conflitos.

A chance dada ao continente asiático, com pouca tradição no futebol, repetiu a escolha dos EUA como sede em 1994. Com histórico pequeno no "soccer" e a preferência esmagadora da sociedade norte-americana por outros esportes, temia-se um fracasso total do evento.

Entretanto, a competição realizada em solo ianque superou todas as expectativas. Durante o torneio houve um impacto de US\$ 4 bilhões e a média de torcedores presentes no estádio é a maior da história das Copas, com aproximadamente 68 mil espectadores/partida.

Para o jornalista Erich Beting, do *site* Máquina do Esporte, a escolha de sedes com menos tradição no futebol passa pelos interesses econômicos e de marketing da FIFA. "Ao levar o torneio para terras nunca antes navegadas, a FIFA consegue impor a idéia de progresso a partir do futebol para estas regiões, fazendo com que o marketing e a força política da própria entidade cresçam. O problema é que nem sempre esses mercados são maduros o suficiente para obter de fato uma melhoria pelo esporte."

De acordo com o jornalista, a tradição ou a falta dela são menos importantes do que o planejamento bem feito da Copa do Mundo, o qual pode resultar em benefícios para o país e para a liga local. "A Alemanha revitalizou seus estádios e trouxe um novo conceito de como o torcedor deve aproveitar um jogo muito em função da Copa de 2006. Já a África do Sul não conseguiu usar o evento para desenvolver sua liga", exemplifica. "Depende de como a realização do evento foi encarada, assim como a capacidade do país de melhorar a vida da população. Se isso não estiver bem claro, é indiferente receber ou não o Mundial. Às vezes, é até pior", conclui Beting.



Wikimedia Commons

**Palco de abertura e encerramento das Olimpíadas de Atenas 2004, o Estádio Olímpico de Atenas era uma das poucas instalações com destino certo pós-Jogos**

## Copas e Olimpíadas têm histórico de interferências políticas

O crescimento abrupto das cifras financeiras nas grandes competições esportivas nos últimos tempos contrasta com as intromissões políticas, mais antigas, e que envolvem ideologias, conflitos, violência e boicotes.

A Copa do Mundo de 1934 foi sediada pela Itália, já sob a ditadura de Benito Mussolini. A vitória italiana era imprescindível para enaltecer o fascismo. Técnico da Itália na época, Vittorio Pozzo ouviu a seguinte frase do *Duce*: "Que Deus o proteja se essa seleção fracassar". A Itália foi campeã.

Em 1936, os Jogos Olímpicos de Berlim viraram plataforma para propagandar a ideologia nazista e a superioridade da raça ariana. Entretanto, o ideal não foi alcançado, já que Hitler e o Estádio Olímpico de Berlim assistiram ao norte-americano Jesse Owens, negro, ganhar quatro medalhas de ouro.

A violência impediu a realização dos dois maiores eventos do esporte durante o período da Segunda Guerra Mundial (1940-1944). E assustou o mundo inteiro nas Olimpíadas de Munique-1972, quando 11 atletas da delegação de Israel foram assassinados pela organização terrorista "Setembro Negro".

A diferença entre as ideologias capitalista e socialista deflagrou boicotes em duas Olimpíadas seguidas. Em Moscou-80, liderados pelos EUA, 62 países desistiram de participar dos jogos moscovitas. Em Los Angeles-84, veio o troco, com a então União Soviética e mais catorze países boicotando a competição norte-americana.

A busca pela paz também esteve presente recentemente. Em 98, durante a Copa da França, jogadores de EUA e Irã trocaram presentes e posaram juntos para a foto oficial da partida, válida pela primeira fase do Mundial. Nas cerimônias de aberturas das Olimpíadas de Sidney-2000 e Atenas-2004, a Coreia do Sul e a Coreia do Norte entraram e desfilaram juntas sob a bandeira da unificação da Coreia.

"Infelizmente, essas manifestações são simbólicas. No caso das Coreias, ficava a idéia de que a boa vontade mostrada pelas delegações dos dois países poderia desencadear um processo que, no limite, levaria à unificação. Só que a realidade não compactuou com isso", observa Bacic Olic.



Wikimedia Commons

**EUA-94: temor de fracasso foi dissipado com sucesso de público**